

INTERTEXTUALIDADE E MÚSICA: POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA ESCRITORA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA*

VANESSA NYLAND**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Programa de Pós-Graduação em Letras, Santa Maria, RS, Brasil.

ERIC VICTOR RESENDE MARQUES***

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Programa de Pós-Graduação em Letras, Santa Maria, RS, Brasil.

CARINE AMARAL DE VARGAS****

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Graduação em Letras, Santa Maria, RS, Brasil.

Recebido em: 22 dez. 2024. Aceito em: 4 maio 2026.

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

** E-mail: vanessanyland@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-6739-2729>

*** E-mail: ericvictorresende@hotmail.com

 <https://orcid.org/0009-0007-4725-3696>

**** E-mail: carine.vargas@acad.ufsm.br

 <https://orcid.org/0009-0004-1541-9151>

Como citar este artigo: NYLAND, V.; MARQUES, E. V. R.; VARGAS, C. A. de. Intertextualidade e música: possibilidades para o desenvolvimento da competência escritora no ensino de Língua Portuguesa. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 26, n. 2, p. 205-219, maio/ago. 2026. DOI: 10.5935/cadernosletras.v26n2p205-219

Resumo

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o desenvolvimento da competência escritora utilizando intertextos musicais no ensino de Língua Portuguesa. Inicialmente, apresenta-se um breve histórico da Linguística do Texto, destacando o texto como interação entre autor e interlocutor, além dos princípios da textualidade. São conceituadas a intertextualidade explícita e implícita, o gênero crônica e a relação da intertextualidade com a música, a qual auxilia na interpretação e na produção textual. A análise utiliza músicas como intertextos, embasada em Koch, Bentes e Cavalcante (2012) e Koch e Elias (2012).

Palavras-chave

Intertextualidade. Música. Linguística.

INTRODUÇÃO

Os estudos da Linguística do Texto se concentram, atualmente, na investigação da interação entre os sujeitos por meio da elaboração dos mais diversos textos; em especial, com base nas necessidades comunicativas e de acordo com o seu papel social. É por meio dessa interação que são estabelecidos os sentidos da interpretação da realidade que os rodeia. Na construção dessa definição, a Linguística do Texto percorreu um caminho que vai desde a análise transfrástica até o sentido atual aplicado à ciência: o texto como produto da interação.

Em um primeiro momento, partindo-se da análise transfrástica, o texto foi concebido como um encadeamento de frases que faziam sucessivas referências umas às outras, o chamado processo de pronominalização. Também houve, em um segundo momento, a tentativa de se constituir uma gramática textual capaz de estudar os aspectos universais dos textos como forma de instrumentalizá-los – da mesma forma como ocorre com as gramáticas normativas em relação à língua –, ou seja, intentou-se construir um modelo para verificar, delimitar e diferenciar os mais diversos textos (Bentes, 2007; Koch, 2009).

A Linguística do Texto, em seu terceiro momento, é marcada pelo estudo do texto no seu contexto de produção, como um processo que resulta de operações comunicativas e linguísticas, de acordo com a situação comunicativa em curso (Bentes, 2007). Acerca desse novo entendimento, Koch (2009, p. 44) traz que “o texto passa a ser considerado o próprio lugar de interação e os interlocutores, sujeitos ativos que, dialogicamente, nele se constroem e por ele são construídos”.

Para que um texto, ao ser lido ou produzido, faça sentido, ele precisa seguir alguns princípios de textualidade. De acordo com Beaugrande e Dressler (1997), há sete fatores – aqui denominados “princípios” (Koch, 2009) – que possibilitam aos sentidos do texto serem construídos: a coesão, a coerência, a situacionalidade, a informatividade, a intertextualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade. Dentre eles, destaca-se a intertextualidade, que pode ser utilizada como estratégia de escrita textual por meio dos intertextos, a fim de possibilitar a constituição dos sentidos pretendidos pelo autor durante o processo de leitura (Koch; Elias, 2012). Esse, inclusive, será o princípio utilizado no presente trabalho, com enfoque no desenvolvimento da competência escritora, a partir de intertextos musicais, no ensino de Língua Portuguesa.

Nas seções a seguir serão apresentados alguns aspectos essenciais para a discussão proposta neste artigo, como: a intertextualidade; o gênero textual crônica (utilizado como *corpus* de análise); a intertextualidade e a escrita de textos; a leitura, a música e o ensino, a fim de discutir a música como uma possibilidade de motivação no ensino de Língua Portuguesa; a metodologia; análise e discussões finais.

INTERTEXTUALIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Koch, Bentes e Cavalcante (2012) organizam os princípios de textualidade em dois grupos: os centrados no texto (coesão e coerência) e os centrados no usuário (situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade). Para essa comunicação, interessa-nos discutir o fenômeno da intertextualidade e de como ele repercute no processo de produção de textos escritos, especialmente no texto analisado.

A intertextualidade, de natureza social e pragmática, ocorre quando um texto faz remissão a outros, produzidos antes dele. Nesse sentido, pode-se dizer que um texto sempre está em diálogo com outros textos e que, portanto, para que os seus sentidos sejam construídos de acordo com a intencionalidade

do produtor, é desejável que se reconheçam os intertextos presentes em sua constituição (Koch; Bentes; Cavalcante, 2012; Koch; Elias, 2009).

Existem diferentes tipos de intertextualidade, classificados de acordo com a forma como os textos são relacionados entre si, ou seja, se há sinalizações claras que indicam o(s) texto(s)-fonte ou se a própria memória discursiva dos leitores é suficiente para que ele(s) seja(m) reconhecido(s). Os principais tipos de intertextualidade são: intertextualidade temática; intertextualidade estilística; intertextualidade explícita; intertextualidade implícita; autotextualidade – intertextualidade com textos de outros autores, inclusive um enunciador genérico; intertextualidade das semelhanças e das diferenças; intertextualidade intergenérica e intertextualidade tipológica (Koch; Bentes; Cavalcante, 2012).

Neste trabalho, são apresentadas a intertextualidade explícita e a intertextualidade implícita, que serviram de subsídio para a análise da crônica apresentada e para as discussões levantadas a partir dela. A intertextualidade explícita ocorre quando há menção direta do(s) texto(s)-fonte ao(s) qual(is) se faz remissão. Já a intertextualidade implícita ocorre quando não é(são) explicitado(s) o(s) texto(s)-fonte, porém se espera que eles sejam ativados pela memória discursiva dos sujeitos-leitores (Koch; Bentes; Cavalcante, 2012).

É importante destacar que o(s) tipo(s) de intertextualidade utilizado(s) na produção de um novo texto tem(têm) um impacto direto nos sentidos que se constituem a partir desse uso, estabelecendo uma soma de sentidos a partir dos textos aos quais se faz remissão. Além disso, ao se explicitar uma fonte, pode-se trazer uma maior força argumentativa, por exemplo. Desse modo, um texto que é de amplo conhecimento não necessita ser referenciado, pois é facilmente reconhecido (Koch; Elias, 2009). Para melhor compreender como o fenômeno da intertextualidade auxilia em sua produção e leitura, na seção seguinte serão apresentadas as principais características do gênero textual crônica.

GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA

De acordo com Marcuschi (2001), os gêneros textuais são eventos textuais altamente maleáveis que contribuem para a ordem e organização da vida social. Isso justifica o surgimento e a quantidade de gêneros que circulam na sociedade, uma vez que eles estão ligados às necessidades e atividades socioculturais que vivenciamos. Para Bakhtin (2003, p. 262), esses gêneros são

“relativamente estáveis” e caracterizados de acordo com o seu conteúdo temático, estilo e construção composicional. Diante dessas perspectivas, pode-se concluir que, apesar de conterem uma certa estabilidade capaz de lhes conferir uma classificação, os gêneros textuais organizam a língua de acordo com os propósitos sociocomunicativos humanos e, por isso, podem ser utilizados de diferentes formas.

Neste trabalho, é abordado o gênero textual crônica, do qual faz parte o texto selecionado para a análise. Segundo Moisés (1994), a palavra “crônica” remete ao termo grego *chronikós*, que, no início da era cristã, correspondia a uma lista ou a um conjunto de acontecimentos ordenados cronologicamente. Naquele período, limitava-se a registrar eventos, sem que houvesse interpretações ou opiniões pessoais.

Ao longo dos anos, esse conceito foi reformulado, passando-se a considerar a crônica um texto relativamente breve e que trata de fatos atuais, muitas vezes publicado em jornais ou revistas. Além disso, ela situa-se na fronteira entre a informação e a narração ficcional, tendo um caráter jornalístico e literário (Melo, 1985). Para Candido (2003), trata-se de uma publicação efêmera que acaba por transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, sendo simultaneamente despretensiosa, insinuante e reveladora.

No jornalismo brasileiro, a crônica é considerada um gênero opinativo, pois segue os interesses de uma instituição jornalística, exprimindo pensamentos e opiniões sobre fatos. Contudo, ao trabalhar a sua narrativa, o cronista não tem o propósito único de expressar um juízo de valor ou opinião, pois confere autonomia estética ao seu texto e permite que o seu público tenha um papel de agente, atribuindo-lhe a capacidade de construir diferentes sentidos a partir de seu texto, o qual, inclusive, pode ter caráter poético (Michelline, 2005).

Para que os sentidos de qualquer texto sejam constituídos conforme a intencionalidade de quem o produz, é necessário que se pense em estratégias de produção. Assim, a interação entre produtor e leitor poderá ocorrer de forma mais satisfatória, conforme as pistas (linguísticas e extralinguísticas) deixadas no momento da produção de um texto. Compreender as características do gênero textual em questão também é fundamental nesse processo, para que se possa, a partir do contexto e do nosso conhecimento sobre práticas comunicativas, escrever e ler de uma forma mais consciente (Koch; Elias, 2012). A seguir, esse tema será tratado de forma mais aprofundada, a partir do processo de escrita.

INTERTEXTUALIDADE E ESCRITA DE TEXTOS

Ao produzir um texto, o escritor deve ter em mente qual é o objetivo que pretende alcançar, ou seja, qual é o seu propósito sociocomunicativo, quais efeitos de sentido deseja mobilizar e qual é o conhecimento que pressupõe que o seu leitor tenha sobre o que está escrevendo. Desse modo, para que a interação produtor-leitor ocorra conforme esse objetivo, algumas estratégias de escrita devem ser utilizadas (Koch; Elias, 2012).

A depender do seu propósito sociocomunicativo, o escritor pode estabelecer relações com o texto-fonte seguindo ou contrariando a sua direção argumentativa, ou seja, ocorre uma recontextualização textual. No entanto, para que esse novo sentido seja constituído pelo sujeito leitor, o texto-fonte deverá ser ativado no momento da leitura. Assim, caso se pressuponha que o leitor não conheça os intertextos, pode-se deixar pistas como sinalizações, uso de aspas e indicação da fonte (intertextualidade explícita) (Koch; Elias, 2012).

Ainda de acordo com Koch e Elias (2012), conforme o efeito de sentido pretendido nessa nova produção, o escritor poderá ocultar a fonte do intertexto (intertextualidade implícita), pois sabe que ela faz parte da memória discursiva do leitor e, portanto, será facilmente ativada no momento da leitura. Isso acontece frequentemente em tiras de humor e charges críticas, que tratam de assuntos conhecidos e amplamente divulgados pelas mídias. Pode-se, ainda, utilizar as aspas sem indicação da fonte, apenas sinalizando que se trata de um intertexto, de forma implícita, para auxiliar o leitor em seu processo de leitura.

Além disso, as autoras fazem menção ao conhecimento dos gêneros textuais (conhecimento metagenérico), os quais, a partir de sua constituição e função, permitem que se identifique o que *e* para que (propósito sociocomunicativo) foi produzido um texto em determinado contexto. Essa e as demais estratégias apresentadas anteriormente dependerão do conhecimento textual que esse escritor tem a partir de suas práticas de leitura e de escrita.

Koch e Elias (2012, p. 130) ainda acrescentam que “a construção da intertextualidade, longe de ser gratuita, é estratégica e, por conseguinte, revestida de finalidade e significações”. Caso as estratégias não sejam utilizadas de forma consciente, no momento da leitura pode haver a constituição de sentidos não intencionados pelo autor. Isso demonstra a importância do conhecimento textual por parte do produtor, além de indicar “a indissociabilidade das atividades de escrita e de leitura” (Koch; Elias, 2012, p. 130).

Consoante a isso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – principal documento norteador da Educação Básica brasileira –, em seu componente Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (Brasil, 2018, p. 67), “assume a centralidade do texto como unidade de trabalho”. E, concernente às práticas de produção de textos, no Eixo Produção de Textos, são apontadas algumas dimensões inter-relacionadas ao uso e reflexão textual; entre elas, cita-se a intertextualidade a partir da “Dialogia e relação entre textos” (Brasil, 2018, p. 76-77):

- Orquestrar as diferentes vozes nos textos pertencentes aos gêneros literários, fazendo uso adequado da “fala” do narrador, do discurso direto, indireto e indireto livre.
- Estabelecer relações de intertextualidade para explicitar, sustentar e qualificar posicionamentos, construir e referendar explicações e relatos, fazendo usos de citações e paráfrases, devidamente marcadas e para produzir paródias e estilizações (Brasil, 2018, p. 77).

A intertextualidade ainda é mencionada nas habilidades EF69LP43 (Identificar e utilizar os modos de introdução de outras vozes no texto – citação literal e sua formatação e paráfrase –, as pistas linguísticas responsáveis por introduzir no texto a posição do autor e dos outros autores citados [“Segundo X; De acordo com Y; De minha/nossa parte, Penso/amos que”...] e os elementos de normatização [tais como as regras de inclusão e formatação de citações e paráfrases, de organização de referências bibliográficas] em textos científicos, desenvolvendo reflexão sobre o modo como a intertextualidade e a retextualização ocorrem nesses textos); EF89LP32 (Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade [referências, alusões, retomadas] entre os textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas [cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música], quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original e paródias, paráfrases, pastiches, *trailer* honesto, vídeos-minuto, *vidding*, entre outros); EM13LP03 (Analisar relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a explicitação de relações dialógicas, a identificação de posicionamentos ou de perspectivas, a compreensão de paráfrases, paródias e estilizações, entre outras possibilidades); e EM13LP04 (Estabelecer relações de interdiscursividade e intertextualidade para explicitar, sustentar e conferir consistência a posicionamentos e para construir e corroborar explicações e relatos, fazendo uso de citações e paráfrases devidamente marcadas). Nelas, em resumo,

trata-se da escrita e da leitura, objetivando reflexões, análises de efeito de sentido no uso de diferentes mecanismos de intertextualidade, identificação e estabelecimento de relações para sustentar e conferir posicionamentos por meio do uso de intertextos.

Dessa forma, a partir dos apontamentos de Koch e Elias (2012) e com amparo na BNCC (Brasil, 2018), defende-se a importância da intertextualidade no ensino de produções textuais nas aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica – sendo necessário, inclusive, tornar-se um compromisso do professor dessa disciplina ensinar estratégias que forneçam subsídios para que os estudantes usem conscientemente mecanismos de intertextualidade em suas produções textuais escritas, permitindo a constituição de sentidos conforme a intencionalidade do produtor. Parte-se, agora, para a apresentação da música como uma possibilidade de aproximação dos estudantes com o ensino de produções textuais que envolvem o uso da intertextualidade.

LEITURA, INTERTEXTUALIDADE, MÚSICA E ENSINO

Durante o processo de leitura de textos, o sujeito-leitor emprega diversas estratégias para a construção de sentidos. No que diz respeito à intertextualidade, quando se reconhece um intertexto durante o processo de leitura, é indicio de que ele faz parte da memória discursiva desse sujeito. Isso significa dizer que o sentido constituído a partir desse novo texto será o resultado da soma dos sentidos mobilizados a partir das remissões realizadas. O escritor, ao utilizar esses recursos conscientemente, enriquece o texto e proporciona ao leitor a possibilidade de estabelecer conexões com outros textos e contextos, ampliando, assim, a compreensão e interpretação da sua produção (Koch; Elias, 2012).

Contudo, algumas vezes, o texto-fonte não faz parte do universo discursivo do leitor, o que implica uma constituição de sentidos diferente da intencionada pelo produtor (autor). Nesse caso, não se reconhece a presença do intertexto, pois o autor, ao inferir que partilha os mesmos conhecimentos de mundo que o leitor, opta por não sinalizar a presença da intertextualidade. Essa escolha acaba interferindo no processo de leitura, pois o sentido do texto-fonte não é somado ao novo texto produzido (Bentes, 2007; Koch; Elias, 2012).

Pensando nisso, trabalhar com música e intertextualidade pode proporcionar uma abordagem enriquecedora ao processo educacional, pois permite

que se estabeleça uma conexão entre aluno e professor, por meio de elementos culturais e artísticos que já fazem parte da vida do educando (memória discursiva). De acordo com Kato (1995, p. 75-76), “um texto de conteúdo altamente familiar possibilita ao leitor usar muitos de seus esquemas, o que nos faz prever uma leitura com um bom componente de processos dedutivos e analíticos”.

Bentes (2007) aponta que, durante o processo de leitura, o sujeito-leitor ativa estratégias de acordo com as inferências advindas do conhecimento de mundo partilhado entre produtor/leitor (*frames*, esquemas e planos). Assim, a música, como forma de expressão universal, possibilita explorar diversos aspectos da intertextualidade presente em nosso cotidiano, pois “ela acompanha os seres humanos em praticamente todos os momentos de sua trajetória neste planeta. Particularmente nos tempos atuais, deve ser vista como uma das mais importantes formas de comunicação” (Nogueira, 2004, p. 22).

Ao se tratar de letras conhecidas, que integram o universo discursivo dos estudantes, as músicas atuam como facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem, favorecendo o uso das estratégias leitoras referidas por Bentes (2007) e Kato (1995). Além disso, elas podem ativar no leitor, por meio de suas letras, memórias e sentimentos que proporcionam uma aproximação ainda maior com o texto em questão. Dessa forma, acredita-se que a música auxilia no processo de ensino-aprendizagem de textos, a partir de uma leitura consciente, colaborando com a compreensão do fenômeno da intertextualidade.

A seção seguinte se destina a explicar a metodologia adotada para a elaboração deste artigo, buscando aproximar o ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente a escrita de textos, à música e à intertextualidade como uma possibilidade de desenvolvimento da competência escritora de estudantes da Educação Básica.

METODOLOGIA

Ao definir o objetivo deste trabalho, procurou-se selecionar um texto que contemplasse o fenômeno da intertextualidade, a partir de músicas, em sua constituição. Assim, chegou-se à crônica “Se você é feito de música, este texto é pra você” (Bittar, 2017), publicada digitalmente na *Revista Bula*. Para compor o *corpus* de análise, fez-se um recorte da crônica, considerando apenas o seu primeiro parágrafo. A partir disso, identificou-se, nela, a presença de

intertextualidade explícita (sublinhada em vermelho) e implícita (sublinhada em amarelo). Cabe destacar que os demais tipos de intertextualidade identificados no *corpus* não serão abordados neste espaço, uma vez que a análise se concentra nos movimentos textuais envolvidos no processo de escrita da crônica, tomando-os como critério analítico para estabelecer um paralelo entre os intertextos e, de modo indireto, refletir sobre a relevância do processo leitor na produção textual.

Feita essa delimitação, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre os temas que seriam desenvolvidos: intertextualidade explícita; intertextualidade implícita; gênero textual crônica; intertextualidade e escrita de textos, considerando as orientações da BNCC; e música e ensino. Por fim, procedeu-se à análise das principais estratégias envolvidas no processo de escrita da crônica, a partir dos intertextos musicais. Considerou-se, então, a música como um elemento facilitador para o ensino-aprendizagem de produções textuais escritas – um dos aspectos valorizados na análise.

ANÁLISE DO *CORPUS*

Na Figura 1, é apresentado o primeiro parágrafo da crônica “Se você é feito de música, este texto é pra você” (Bittar, 2017), que constitui o *corpus* de análise deste trabalho.

Figura 1 – Primeiro parágrafo da crônica “Se você é feito de música, este texto é pra você”

1 Às vezes, no silêncio da noite, eu fico imaginando: que graça teria a vida sem
2 música? Sem ela não há paz, não há beleza. Nos dias de festa e nas madrugadas de
3 pranto, nas trilhas dos filmes e nas corridas no parque, o que seria de nós sem as
4 canções que enfeitam o cotidiano com ritmo e verso? Quem nunca curou uma dor de
5 cotovelo dançando lambada ou terminou de se afundar ouvindo sertanejo sofrência?
6 Quantos já criticaram funk e fecharam a noite descendo até o chão? Que atire o primeiro
7 vinil quem jamais caiu na contradição de dizer que odeia rock e cantarolar “We are the
8 champions” no chuveiro após ser promovido. Tudo bem... Raul nos ensinou que é
9 preferível ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada
10 sobre tudo.

Fonte: Elaborada pelos autores (2024), com base em Bittar (2017).

Como se pode observar com as sinalizações em amarelo (Figura 1), a crônica apresenta, em determinados trechos, características de intertextualidade

implícita (Koch; Bentes; Cavalcante, 2012). Na primeira linha, ao retomar o trecho da música “Sozinho”, de autoria de Peninha – popularizada na voz de Caetano Veloso –, a autora promove uma mobilização de sentidos a partir do intertexto. Nesse caso, o texto-fonte aborda uma temática de sofrimento passiona, diferentemente da crônica, que trata sobre os benefícios da música. No entanto, em ambas as produções, os narradores refletem sobre esses diferentes aspectos cotidianos durante “o silêncio da noite”, aproximando as duas produções. Dessa forma, os textos seguem na mesma direção argumentativa, o que pode ser constatado no processo de leitura. Contudo, caso o leitor não identifique a presença do intertexto, dado que não há nenhum tipo de sinalização para indicá-lo, os sentidos da nova produção não estarão completamente comprometidos.

Na segunda linha, também sinalizado em amarelo, há outro caso de intertextualidade implícita (Koch; Bentes; Cavalcante, 2012): “Sem ela não há paz, não há beleza”, que faz referência à icônica música “Chega de saudade”, de Vinicius de Moraes e Antonio Carlos Jobim. Aqui, ao reconhecer o intertexto, o leitor é convidado a mergulhar mais profundamente na forma e ritmo do texto, estabelecendo uma conexão paralela com a música. Inclusive, a maneira como a autora manipula essa referência revela sua habilidade em criar novos significados, uma vez que, na canção, o foco é a pessoa amada, enquanto na crônica, é a música. Essa capacidade de conferir novas camadas de sentido por meio da intertextualidade demonstra a maestria da autora em explorar as diversas nuances presentes na obra, enriquecendo a experiência do leitor e possibilitando a ampliação da sua compreensão do texto. Percebe-se, ainda, que os dois textos seguem a mesma direção argumentativa, pois demonstram a importância desses objetos (a música e a pessoa amada) para os autores de ambas as criações.

Outra ocorrência de intertextualidade implícita pode ser observada nas linhas 7-8 (Figura 1), sinalizada em amarelo. Remetendo à música “We are the champions”, de Freddie Mercury, vocalista da banda inglesa Queen, a autora indica estrategicamente a presença de um intertexto alheio por meio do uso de aspas e itálico (Koch; Elias, 2012). O uso desse reforço sinalizador pode resultar do fato de a música em questão não ser brasileira e, portanto, a autora pode ter julgado que algumas pessoas poderiam não reconhecer o seu título. Assim, conforme Koch e Elias (2012, p. 115), a autora utiliza “uma boa estratégia [...] para marcar a sua intencionalidade”. No texto-fonte, cujo título

pode ser traduzido como “nós somos os campeões”, o produtor (autor) indica que, com luta e persistência, o resultado só pode ser a vitória. Na crônica, a direção argumentativa segue essa intenção, pois a promoção no emprego indica esse mesmo resultado.

Por fim, a última ocorrência destacada nas linhas 9-10 (Figura 1), sinalizada pela cor vermelha, trata-se de um caso de intertextualidade explícita (Koch; Bentes; Cavalcante, 2012). Nela, a autora atribui os créditos de autoria à “Raul” (linha 8), um conhecido cantor de rock brasileiro. Raul Seixas é o compositor da música “Metamorphose Ambulante”, à qual a autora faz alusão na crônica. O *site* Whiplash afirma que “a expressão ‘Toca Raul!’ entrou para o imaginário popular e certamente é entoada diariamente milhares de vezes Brasil afora, ou muito provavelmente mundo afora” (William, 2023). Nessa situação, explicitar a fonte, conforme apontam Koch e Elias (2012, p. 114), “é um recurso importante utilizado pelo autor(a) para situar o leitor em relação ao texto posto em relevância no processo intertextual, tendo em vista o sentido pretendido”.

A partir da análise do *corpus*, percebe-se que, ao fazer o uso dos intertextos musicais, os trechos utilizados pela autora passam a compor um novo gênero textual, a crônica, que tem como característica retratar fatos cotidianos. Dessa forma, eles passam a constituir outro sentido na nova produção textual, apesar de seguir a mesma direção argumentativa dos textos-fonte. No entanto, ainda que o leitor não esteja familiarizado com as músicas mencionadas nas linhas 1 e 2 (Figura 1), e que não reconheça a presença dos intertextos, a essência do texto não sofre uma alteração significativa, diferentemente de quando é citado apenas o nome da música (linha 7-8) ou de quando se explicita a autoria, salientando a importância dessas referências à interpretação e indicando que a leitura deve ser realizada de acordo com os intertextos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada, pode-se inferir que a compreensão das estratégias de uso da intertextualidade implícita e da intertextualidade explícita é capaz de facilitar o processo de escrita e, conseqüentemente, o processo de leitura de textos. Considerando-se que o objetivo deste artigo é refletir sobre o

desenvolvimento da competência escritora a partir de intertextos musicais no ensino de Língua Portuguesa, acredita-se que foi possível promover essa reflexão, uma vez que os exemplos analisados permitiram que se pensasse nos movimentos textuais e constituição de sentidos a partir dos paralelos estabelecidos entre as músicas e a crônica “Se você é feito de música, este texto é pra você” (Bittar, 2017).

Ao definir a música como tema de sua crônica, a autora utilizou outros intertextos, além dos aqui referidos, para construir a coerência de seu texto. Contudo, é válido retomar que, aqui, escolheu-se tratar apenas da intertextualidade implícita e da intertextualidade explícita, destacando a orientação argumentativa e a produção de sentido dos novos textos. Além disso, o foco de análise foi estabelecer um paralelo entre os intertextos, refletindo também sobre a importância do processo leitor, diretamente ligado ao processo escritor, para um uso mais consciente das estratégias de escrita de textos. Assim, salienta-se que, no desenvolvimento da competência escritora, a leitura e a escrita devem ser vistas como processos indissociáveis.

Nesse sentido, a crônica surge como uma ferramenta poderosa para promover reflexões e diálogos significativos sobre o papel da intertextualidade, a partir de músicas populares, no processo de escrita de textos. O fato de esse gênero textual retratar aspectos da vida, e ter caráter efêmero, conforme Candido (2003), favoreceu o uso dos intertextos musicais e a abordagem da temática retratada, visto que a autora relatou a importância da música para a vida. Cabe destacar que essa efemeridade pode levar ao não reconhecimento de algumas músicas, mais conhecidas e ouvidas em momentos passados. Entretanto, o texto serve como um bom exemplo e também como motivação, visto que os estudantes podem compor as próprias crônicas (ou outros gêneros textuais) a partir de suas preferências musicais. Logo, a associação desses gêneros pode ser um importante recurso para as aulas de Língua Portuguesa, pois, ao empregar a intertextualidade musical, é possível promover uma reflexão sobre a influência desse gênero na crônica e observar os efeitos de sentido decorrentes do diálogo entre esses textos, estimulando o uso de estratégias de escrita, além da criatividade e da sensibilidade dos alunos.

Intertextuality and music: possibilities for developing writing skills in Portuguese Language teaching

Abstract

This paper aims to reflect on the development of writing competence through musical intertexts in the teaching of Portuguese. Initially, a brief overview of Text Linguistics is presented, highlighting the text as an interaction between author and interlocutor, as well as the principles of textuality. Explicit and implicit intertextuality, the chronicle as a genre, and the relationship between intertextuality and music are defined, emphasizing music's role in supporting text interpretation and production. The analysis employs songs as intertexts and is grounded in Koch, Bentes & Cavalcante (2012), and Koch & Elias (2012).

Keywords

Intertextuality. Music. Linguistics.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BEAUGRANDE, R. de; DRESSLER, W. U. *Introducción a la lingüística del texto*. Barcelona: Ariel, 1997.
- BENTES, A. C. Linguística textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007. v. 1.
- BITTAR, L. Se você é feito de música, este texto é pra você. *Revista Bula*, [s. l.], 2017. Disponível em: <https://www.revistabula.com/9710-se-voce-e-feito-de-musica-este-texto-e-pra-voce/>. Acesso em: 24 jun. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018.
- CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, C. D. *Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ática, 2003. (v. 5). p. 89-99.
- KATO, M. A. *No mundo da escrita*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à lingüística textual: trajetórias e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

- KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. Escrita e intertextualidade. In: KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 101-125.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R. M.; BEZERRA, M. A. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. p. 19-36.
- MELO, J. M. de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MICHELLINE, È. A crônica no universo jornalístico e literário. *Contemporânea*, v. 3, n. 1, p. 104-117, 2005.
- MOISÉS, M. *A criação literária: prosa* 2. São Paulo: Cultrix, 1994.
- NOGUEIRA, M. A. A música e o desenvolvimento da criança. *Revista UFG*, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 22-25, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48654>. Acesso em: 11 jul. 2024.
- WILLIAM, B. Como surgiu “Toca Raul!”, que todo dia milhares de pessoas gritam em shows mundo afora. *Whiplash.net*, fev. 2023 Disponível em: https://whiplash.net/materias/news_710/349575-raulseixas.html. Acesso em: 12 jul. 2023.